

HÁBITOS DE CONSUMO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES

VERA MENDES
PAULO LOPES

RESUMO: O objectivo deste estudo foi fazer uma comparação entre os hábitos de consumo de álcool em adolescentes de ambos os géneros. Esta investigação foi de natureza transversal, actual e retrospectiva, constituída por 272 adolescentes, 139 do género masculino com média de idades de 15.66 (DP=1.47), e 133 do género feminino, cuja média de idades foi de 15.64 (DP=1.37). Apresentaram idades entre os 12 e os 19 anos.

Os instrumentos utilizados foram um Questionário de dados socio-demográficos, a Escala de Envolvimento com o Álcool para Adolescentes – AAIS – (Mayer & Filstead, 1979) aferida para a população portuguesa por Barrias *et al.* (1984), a Harder Personal Feelings Questionnaire – FPQ2 – (Harder, 1990) traduzido para a população portuguesa por M. Carvalho & J. Rosa, (2003) e Escala da Timidez – SS-R – (J. M. Cheek, & A. H. Buss, 1981) traduzida para a população portuguesa por F. Lory & A. Baptista (1999).

Através do nosso estudo verificámos que 73,9% dos adolescentes costuma sair à noite, quando saem costumam beber bebidas alcoólicas (74,5%) e, 19,1% já experimentou drogas pelo menos uma vez. Os resultados apontam para maiores índices de consumo de cerveja em conjunto com bebidas brancas e maior insucesso escolar (reprovações) no género masculino, comparativamente ao género feminino, que apresenta um maior consumo de bebidas brancas isoladamente e maiores índices de vergonha. Os alunos da Beira Interior apresentam maiores índices de timidez e menores de culpa, comparativamente aos alunos da zona da grande Lisboa. Segue-se a discussão dos resultados.

Palavras-chave: Adolescência; Consumo de álcool.

RÉSUMÉ: Cette étude fait une comparaison entre les habitudes de consommation d'alcool en adolescents des deux genres. Cette investigation, transversale, actuelle et rétrospective, a été constituée par 272 adolescents, 139 du genre masculin, âges moyennes de 15.66 (DP = 1.47), et 133 du genre féminin, âges moyennes de 15.64 (DP = 1.37). Ils ont présenté des âges entre les 12 et les 19 ans.

Les instruments utilisés ont été un questionnaire de données socio-démographiques, l'Échelle de l'Enveloppement avec l'Alcool pour Adolescents – AAIS – (Mayer & Filstead, 1979) étalonnée pour la population portugaise

pour Barrias *et al.* (1984), le *Harder Personal Feelings Questionnaire* – FPQ2 – (Harder, 1990) traduit pour la population portugaise pour M. Carvalho & J. Rosa, (2003) et l'Échelle de Timidité – SS-R – (J.M. Cheek, & A. H. Buss, 1981) traduite pour la population portugaise par F. Lory & A. Baptista (1999).

Dans cette étude on a vérifié que 73,9% des adolescents ont l'habitude de sortir la nuit, quand ils sortent, ils boivent habituellement, des boissons alcooliques (74,5%) et, 19,1% a déjà essayé des drogues, au moins, une fois. Les résultats montrent des indices de consommation de bière plus grands, ensemble avec des boissons alcooliques et un plus grand échec scolaire (réprobations) dans le genre masculin, comparativement au genre féminin, qui présente une plus grande consommation de boissons alcooliques isolément et des indices de honte plus grands. Les élèves de Beira Interior présente des indices de timidité plus grands et moins de fautes, comparativement aux élèves de la grande Lisbonne. Suit la discussion des résultats.

Mots-clé: Adolescence; Consommation d'alcool.

ABSTRACT: This study does a comparison between the alcohol consumption habits in adolescents of both genders. This research was transversal, current and retrospective and involved 272 adolescents, 139 males with average ages of 15.66 (DP = 1.47) and 133 females with average ages of 15.64 (DP = 1.37). They are aged between 12 and 19 years.

The used instruments were a Questionnaire on socio-demographic data, the Alcohol Involvement Scale for Adolescents – AAIS – (Mayer & Filstead, 1979) checked for the Portuguese population by Barrias *et al.* (1984), the Harder Personal Feelings Questionnaire – FPQ2 – (Harder, 1990) translated for the Portuguese population by M. Carvalho & J. Rosa, (2003) and the Shyness Scale – SS-R – (J. M. Cheek, & A. H. Buss, 1981), translated for the Portuguese population by F. Lory & A. Baptista (1999). In this study, we verified that 73,9% of the adolescents usually go out at night and they usually drink alcoholic beverages (74,5%) and 19,1% has already tried drugs, at least once. The results point to greater consumption rates of beer together with liquors and greater school failure (reproofs) in the male gender, in comparison with the female gender, that shows greater occasional liquor consumption and greater shame rates. The pupils of Beira Interior present greater shyness rates and less guilt, in comparison with the pupils of great Lisbon. Follow the results' discussion.

Key words: Adolescence; Alcohol consumption.

1. HÁBITOS DE CONSUMO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES

A adolescência transformou-se numa fase longa do ciclo da vida, contrariando aquilo que se considerava antes, enquanto etapa curta e que deveria favorecer rapidamente a passagem da criança ao adulto. Após um longo período de imaturidade, de dependência e protecção, ou seja, da infância, o jovem conhece num período curto de tempo um rápido crescimento, que através das mudanças biológicas, fisiológicas, cognitivas, e outras, o prepara para a autonomia (Fleming, 1993).

Hoje em dia, o período de entrada na adolescência é mais precoce do que há quinze anos, aparecendo o seu início por volta dos 10 – 13 anos de idade. Este tempo é caracterizado por um período de mudança, em primeiro lugar física, isto é, a criança vê o seu corpo mudar de forma radical em poucos meses e, em segundo lugar psicológica, pois neste período o adolescente vai cortar completamente com os seus modelos de identificação da infância, com os seus ideais e rapidamente vai procurar outros com os quais se identifique. A mudança é, igualmente, social e familiar, ou seja, os pais já não podem fornecer ao adolescente os modelos, as satisfações, os prazeres, que até então dedicavam ao seu filho. Nesta fase, o adolescente tende a afastar-se dos imagos parentais, procurando ele próprio o seu caminho, novas fontes de satisfação, novos ideais e novos prazeres (Braconnier & Marcelli, 2000).

É também nesta fase que os adolescentes procuram novas sensações, procuram descobrir o mundo que os rodeia, distanciando-se do mundo que tiveram na infância. O adolescente procura identificação com o seu grupo de pares, sentido como muito importante, é como se este diluísse a sua identidade uma vez que, se veste, que fala e se comporta como os outros elementos do grupo. É com o grupo, que o adolescente participa em condutas que envolvem o risco, pois é com ele que se identifica, uma vez que os elementos constituintes pensam de modo semelhante (Fonseca, 2002).

Muitos dos comportamentos de risco (ex. relações sexuais desprotegidas, condução sob efeito do álcool), podem estar associados ao consumo de álcool e drogas pelos adolescentes. Mas qual será o motivo que leva o adolescente a consumir álcool e drogas? Talvez seja um sinal de emancipação, um desejo de reconhecimento de uma

mudança de estatuto, também poderá ser uma tentativa de quebrar regras (Fonseca, 2002). Para Patrício (2006), a adolescência é o período da redescoberta do mundo, da descoberta da capacidade crítica, da idealização e da aquisição de novas experiências. Neste sentido, o autor afirma que se compreende que seja neste período que haja maior disponibilidade para a experimentação de substâncias psicoactivas.

Segundo Morel, Hervé & Fontaine (1998), o consumo de álcool e drogas no adolescente pode ter vários significados, não apenas relacionados com a natureza do produto, mas também com a história do sujeito, com aquilo que ele espera e investe nesta experiência e na capacidade de resposta do seu meio. Ainda segundo os autores, a maioria dos adolescentes fica-se por comportamentos de experimentação, cujas motivações são flutuantes e, principalmente, superficiais: a curiosidade, a moda, a importância de viver qualquer coisa com os amigos. A maior parte das vezes não têm muitos interesses comuns com os meios onde circulam as drogas e são apenas consumidores em dadas ocasiões, como em festas, concertos e momentos passados em grupo em casa de um amigo na ausência dos pais deste.

O Centro de Alcoologia do Sul (2001), refere que o álcool está cada vez mais presente na adolescência, sendo este, o grupo mais vulnerável devido ao seu consumo. A globalização dos media e dos mercados faz com que os jovens tenham cada vez mais capacidades de escolha e certos comportamentos de risco. Hoje em dia, muitos jovens têm maiores oportunidades e mais rendimentos disponíveis, o que os torna mais vulneráveis às técnicas de venda e marketing, que se tornam mais agressivas em relação aos produtos de consumo e às substâncias psicoactivas, como por exemplo, o álcool. Factores como uma rápida transição económica e social, os conflitos sociais, a pobreza, e o isolamento, fizeram aumentar a probabilidade de tanto as bebidas alcoólicas como as drogas terem um papel relevante e destrutivo na vida dos jovens. Na adolescência surge cada vez mais uma tendência de experimentação de bebidas alcoólicas e o aumento dos padrões de beber de alto risco, como por exemplo o *binge drinking* (consumo desmedido de bebidas alcoólicas com o objectivo de se embriagar rapidamente), assim como a mistura de álcool com outras substâncias psicoactivas.

Existem fortes ligações entre o consumo de alto risco, a

violência, os comportamentos sexuais de risco e a morte. Os jovens são os mais vulneráveis a sofrer danos físicos, emocionais e sociais devido ao consumo de álcool. São também as vítimas directas das consequências do consumo de álcool por terceiros, principalmente no que se refere à família, cujo consumo de álcool pode levar à ruptura familiar, a pobreza económica e emocional, assim como negligência, o abuso, a violência e a perda de oportunidades (Centro de Alcoologia do Sul, 2001).

A adolescência apresenta características especiais em função das épocas, do ambiente cultural, social e económica. Pode dizer-se que o estatuto de um aluno do secundário ou de um jovem estudante da cidade, tem pouco de comum com um jovem estudante de um meio rural ou de um jovem fora da escolaridade de um meio desfavorecido. Mas também é por vezes difícil comparar a existência de um jovem adolescente evoluindo desde a primeira infância num meio familiar atento e socialmente favorecido, com a de um jovem da mesma idade que, devido a carências familiares ou com dificuldades materiais, conheceram várias situações (Braconnier & Marcelli, 2000).

Segundo Crosnoe, Muller & Frank (2004), o consumo de álcool na adolescência é visto como o maior problema social nesta fase da vida e merece atenção, pois durante a adolescência o consumo de álcool é considerado um fenómeno social. É nesta fase que beber é menos estigmatizado do que o consumo de outras substâncias, uma vez que a venda de álcool é legal, o que conseqüentemente facilita o acesso ao álcool por parte dos adolescentes. Para estes autores o consumo de álcool pode ser um meio de integração do adolescente no grupo e isto varia de contexto para contexto, de grupo para grupo.

O consumo de álcool contribui significativamente para os danos na adolescência e está associado ao envenenamento por álcool, acidentes de viação, comportamentos sexuais de risco, tentativas de suicídio, afogamento e consumo de outras drogas (Zeigler *et al.*, 2005). Os mesmos autores, afirmam que enquanto as doenças crónicas são relativamente pouco comuns nos adolescentes, aqueles que abusam do álcool apresentam significativamente mais sintomas ou condições médicas tais como alterações de apetite, perda de peso, eczema, dores de cabeça e perturbações do sono. Referem que embora alguns autores considerem o consumo de álcool

como “um ritual de passagem”, o consumo problemático de álcool não é uma condição benigna que se resolva com a idade. Com base nos seus estudos, afirmam que os indivíduos que consomem álcool pela primeira vez entre os 11 e os 14 anos, apresentam maior risco de posteriormente desenvolverem abuso de álcool ou dependência alcoólica.

Ledoux, Sizaret, Hassler & Choquet (2000) referem que a conduta dos adolescentes perante o álcool pode mudar em poucos meses (prova de uma substância, período de tempo sem consumir, novas tentativas, consumo mais frequente, regular). A períodos de não consumo podem suceder-se fases de consumo ou, pelo contrário, depois de um período de experimentação o consumo aumenta em regularidade e em quantidade. Os autores fizeram uma revisão bibliográfica sobre estudos da relação entre adolescentes e o consumo de álcool e concluíram, do ponto de vista predictivo, que quanto mais cedo ocorre a experimentação de bebidas alcoólicas maior a probabilidade de ocorrerem problemas com o álcool na adolescência. Esta constatação verifica-se para os dois géneros, se bem que nos seus estudos as raparigas iniciam, enquanto média, sempre o consumo de álcool mais tarde mantendo-se o seu nível médio de consumo de álcool sempre inferior aos rapazes até ao fim da adolescência. No entanto, em relação ao género e durante muitos anos os rapazes bebiam mais que as raparigas, estando desde há duas décadas para cá a diferença tendencialmente a reduzir e, inclusivamente, a desaparecer.

No estudo elaborado por Heather e Kaner (2001), em Inglaterra e País de Gales, concluiu-se que o consumo entre os jovens é maior que nos adultos. Referem que a percentagem de jovens de ambos os géneros, entre os 16 e 24 anos, que bebem acima dos níveis recomendáveis para a saúde era de 35% para os rapazes e de 21% para as raparigas (comparados com 27% e 13% da população adulta respectivamente) e que 47% dos rapazes e 36% das raparigas inglesas entre os 11 e os 15 anos bebem álcool semanalmente. Como os adolescentes não podem beber com a mesma frequência dos adultos, este aumento do consumo é resultado de uma nova tendência de beber com maior intensidade e risco numa só ocasião, ou seja, de beber até estar completamente embriagado. Os autores afirmam que esta tendência está a aumentar na Europa e é mais frequente em rapazes que em raparigas.

O'Malley, Johnston & Bachman (1998), efectuaram um

estudo sobre o consumo de álcool em adolescentes nos Estados Unidos, onde a idade legal para beber é de 21 anos, e mostram que a maioria de jovens com menos de 18 anos já consumiu álcool, e que a maioria o faz pela experiência e pelo prazer enquanto se divertem com o grupo de pares. Verificaram diferenças entre gêneros relativamente ao consumo do álcool, onde o género masculino confessou embriagar-se mais vezes (39%), do que o género feminino (29%).

Verificaram também que os jovens do género masculino tinham menos problemas em falar das suas experiências com o álcool (56%), quando comparados com o género feminino (49%), embora esta diferença não seja muito significativa. Estes autores ainda verificaram que os jovens do meio rural apresentavam valores mais altos relativamente ao consumo de álcool.

Windle (2003), realizou um estudo semelhante ao anterior, onde verificou que tanto os jovens do género masculino como os do género feminino consomem álcool, embora o consumo seja mais predominante no género masculino, e afirmou também que o consumo de álcool e os comportamentos de risco associados ao seu consumo, são comuns entre ambos os gêneros, embora prevaleçam mais no masculino. Verificou ainda que os contextos de consumo de álcool eram muito variados, indo desde a própria casa dos jovens, a bares, casa de amigos, etc.

Tangney, Miller, Flicker & Barlow, (1996) realizaram um estudo em jovens no final da adolescência onde descreveram experiências que tivessem embaraço, vergonha e culpa, cujo objectivo era clarificar as semelhanças e as diferenças entre estas emoções. Segundo os autores, as emoções representam várias funções no dia-a-dia, chamando a nossa atenção para diferentes acontecimentos. Concluíram que, tal como a vergonha, a culpa é também uma emoção “pública”, contrariando a ideia de que esta seja só experienciada quando a pessoa se encontra sozinha. Segundo os autores, estas três emoções ocorrem tipicamente em contextos sociais, mas uma significativa proporção de situações de vergonha e culpa ocorreram quando os participantes do estudo se encontravam sozinhos.

Wei, Shaffer, Young & Zakalik (2005), examinaram as necessidades psicológicas básicas de satisfação (exemplo: necessidade de autonomia e competência), como mediadoras entre os afectos (exemplo: ansiedade e

evitamento) e a angústia (exemplo: vergonha, depressão e solidão). Concluíram que as necessidades psicológicas básicas mediavam parcialmente a relação entre os afectos “ansiedade” e “vergonha”, “depressão” e “solidão” e mediavam completamente a relação entre os afectos “evitamento” e “vergonha”, “depressão” e “solidão”. Segundo os autores, os afectos “evitamento” e “ansiedade” explicaram 35% de variância nas necessidades psicológicas básicas e o afecto “ansiedade” e necessidades básicas de satisfação explicaram 51%, 72%, e 74% de variância na “vergonha”, “depressão” e “solidão” respectivamente. Importa também referir que Wei *et al.* (2005), utilizaram para avaliação do afecto “vergonha” a escala PFQ, a mesma usada no presente estudo, com o objectivo de medir esta emoção negativa.

Eklund & af Klintberg (2005), realizaram um estudo onde verificaram que os rapazes são mais violentos do que as raparigas e estas apresentam, na generalidade, maiores níveis de deseabilidade social, tensão muscular, irritabilidade e culpa.

Em Portugal, Feijão & Lavado (2004) descreveram os resultados do Inquérito Nacional em Meio Escolar, realizado em 2001, numa amostra de 40 000 alunos do ensino secundário (10.º ao 12.º ano), referindo que o álcool é o grupo de substâncias com maior percentagem de consumidores entre os alunos do secundário para qualquer dos períodos temporais considerados no estudo (longo da vida, últimos 12 meses, últimos 30 dias). Os resultados mostram que 91% dos alunos tinha experimentado bebidas alcoólicas, que 3 em cada 4 apresentavam consumos recentes (último ano) e que metade tinha consumido nos 30 dias, anteriores à realização do estudo. Afirmam ainda que o consumo com maior regularidade (consumo habitual) era respeitante às bebidas destiladas (35%), seguidas da cerveja (28%) e que a percentagem de raparigas que já tinham experimentado álcool era idêntica à dos rapazes (cerca de 90%). Quanto ao consumo habitual por tipo de bebida, essa percentagem variava entre metade e dois terços da dos rapazes.

Cordeiro, Claudino & Arriaga (2006), efectuaram um estudo com uma amostra de 370 alunos a frequentar o 12.º ano de escolaridade no ano de 2004/2005. Os resultados indicaram que as bebidas destiladas são as mais consumidas, seguindo-se a cerveja. Afirmam ainda que o consumo de bebidas

alcoólicas aumenta com a idade e depende do género. Concluíram, na sua amostra, que os indivíduos do género masculino consumiram mais vezes bebidas alcoólicas e atingiram mais vezes estados de embriaguês (13,6%), embora seja também este grupo a apresentar uma maior percentagem dos que nunca consumiram álcool (5,9%), quando comparados com os 4,2%, apresentados pelo género feminino.

Matos, Carvalhosa, Reis & Dias (2002), realizaram um estudo sobre os jovens portugueses e o álcool, constituído por uma amostra de todo o país e com jovens com idades médias de 11, 13 e 16 anos. Verificaram que são os jovens do género masculino que mais frequentemente já experimentaram álcool, que são consumidores regulares e consumidores abusivos, quando comparados com o género feminino.

Os mesmos autores referem, que os jovens que já experimentaram, bem como os consumidores regulares ou abusivos de álcool apresentam um perfil de afastamento em relação à família, à escola e ao convívio com os colegas em meio escolar. São também os que apresentam com mais frequência envolvimento em experimentação e consumo de tabaco e outras drogas ilícitas e envolvimento em lutas e situações de violência na escola.

Feijão (2001), efectuou um estudo com o tema "Consumo de drogas e assimetrias geográficas", onde realizou um inquérito a nível nacional a jovens do 3º ciclo e do Secundário do Ensino Oficial, tendo verificado que são os jovens do género masculino que mais consomem álcool (70%), tabaco (50%) e drogas (17%), face ao género feminino (álcool 63%, tabaco 46% e drogas 10%). Constataram que 14% do total dos alunos já experimentou pelo menos uma vez na vida alguma droga, 8% consumiram alguma substância ilícita no último ano e 6% fizeram-no no último mês. Segundo este estudo a droga mais consumida em todo o país continua a ser a *cannabis*, onde 10% dos alunos referiram que já experimentaram, 8% consumiram no último ano e 5% no último mês. Verificou-se que os locais com maior prevalência de consumo de drogas ao longo da vida são os Distritos de Vila Real, Castelo Branco e Santarém.

Feijão & Lavado (2003), realizaram um estudo sobre os "Adolescentes e o Álcool", em Portugal continental, com jovens entre os 13 e os 18 anos do 3º Ciclo e do Ensino Secundário, verificaram que 47% dos alunos de 13 anos e

94% dos alunos de 18 anos, já tinham experimentado bebidas alcoólicas, pelo menos uma vez ao longo da vida, sendo pouco significativas as diferenças entre géneros, em qualquer dos grupos etários. Por outro lado, cerca de 30% dos alunos de 13 anos e 69% dos alunos de 18 anos, tinham consumido bebidas alcoólicas nos 30 dias anteriores à realização do estudo. Constataram que 36% dos alunos de 13 anos e 61% dos de 16 anos consideram "muito provável ou provável" virem a "divertir-se imenso" ao consumirem álcool no que se refere às expectativas positivas associadas ao consumo de álcool. Relativamente às expectativas negativas que os alunos têm quanto ao consumo de álcool, verifica-se que 40% dos alunos de 13 anos e 8% dos de 18 anos consideram "muito provável ou provável" virem a "ter problemas com a polícia" devido ao consumo de álcool. As intoxicações alcoólicas já tinham acontecido pelo menos uma vez a 9% dos rapazes e a 5% das raparigas de 13 anos e a 60% dos rapazes e a 42% das raparigas de 18 anos. As diferenças entre ambos os géneros eram mais acentuadas entre os jovens alunos mais velhos (Feijão & Lavado, 2003).

O nosso estudo tem como objectivo avaliar as diferenças entre géneros colocando-se as seguintes hipóteses: **1)** Os rapazes revelam maiores níveis de consumo de álcool quando comparados com raparigas; **2)** Os rapazes e raparigas que vivem na Beira Interior apresentam maiores níveis de consumo de álcool quando comparados com os rapazes e raparigas que vivem na Grande Lisboa; **3)** As raparigas apresentam maiores níveis de vergonha e culpa quando comparadas com os rapazes.

2. MÉTODO

2.1 Participantes/Amostra

Para se realizar este estudo foi recolhida uma amostra composta por 272 adolescentes, 104 alunos do Externato Marista de Lisboa, 31 alunos da Escola Secundária Daniel Sampaio de Almada, 84 alunos da Escola Secundária Amato Lusitano em Castelo Branco e 53 alunos da Escola Básica 2+3 e Secundária de Mação. A média de idades total do grupo é de 15.65 anos ($DP= 1.42$), onde a idade mínima foi de 12 anos e a idade máxima é de 19 anos.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significa-

Tabela 1 – Diferenças entre géneros face à variável idade

	Masculino			Feminino			U
	n	M	DP	n	M	DP	
Idade	139	15.66	1.47	133	15.64	1.37	8899.500

tivas entre géneros face à variável idade, $U= 8899.500$; $p=0.584$ (Ver **Tabela 1**).

2.2 Medidas/Instrumentos

Para avaliar os objectivos pretendidos neste estudo foi utilizado um Questionário de dados sociodemográficos, uma Escala de Envolvimento com o Álcool para Adolescentes – AAIS – (J. Mayer & W J. Filstead, 1979) aferida para a população portuguesa por Barrias *et al.* (1984), a PFQ2 e a SS-R.

2.3 Procedimento

Para realizar este estudo de natureza transversal, actual e retrospectiva, foi formulado um pedido ao Director do Conselho Executivo para recolha da amostra e onde se dava a conhecer o objectivo do estudo. Depois de obtida a permissão de realização do estudo com os Directores das escolas, foi fornecido um Consentimento Informado aos pais dos alunos, fornecendo informação sobre o objectivo do estudo e onde se pedia autorização para a participação dos seus filhos no estudo.

A aplicação dos questionários foi efectuada em quatro escolas, duas na zona de Lisboa (Externato Marista de Lisboa e Escola Secundária Daniel Sampaio de Almada) e duas escolas do Interior (Escola Básica 2.3/Secundária de Mação e Escola Amato Lusitano em Castelo Branco). Depois da informação sobre o objectivo do estudo, da garantia de confidencialidade e anonimato e do esclarecimento de dúvidas, os questionários foram aplicados, durante o período de aulas.

A recolha da amostra decorreu de Janeiro de 2006 a Abril de 2006, demorando cerca de 15 minutos, o preenchimento de cada protocolo.

3. RESULTADOS

A informação recolhida foi inserida numa base de dados (programa Microsoft Office Excel 2003) sendo posteriormente

trabalhada estatisticamente no programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS 14.0 for Microsoft Windows).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros face à variável demográfica *Escola* $\chi^2(3) = 9.416$; $p=0.024$, no sentido em que a Escola Amato Lusitano e o Escola Secundária Daniel Sampaio apresentam maior número de indivíduos do género feminino face ao género masculino, $N= 49$, 36.8% (género feminino) e $N= 35$, 25.2% (género masculino) e $N= 19$, 14.3% (género feminino) e $N= 12$, 8.6% (género masculino), respectivamente às escolas referidas. A Escola Básica 2.3/Secundária de Mação e o Externato Marista de Lisboa apresentam maior número de indivíduos do género masculino face ao feminino, $N= 34$, 24.5% (género masculino) e $N= 19$, 14.3% (género feminino) e $N= 58$, 41.7% (género masculino) e $N= 46$, 34.6% (género feminino), relativamente a cada escola referida anteriormente (Ver **Tabela 2**).

Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros face à variável demográfica *Insucesso escolar (Já chumbaste alguma vez?)*, $\chi^2(1)= 5.876$; $p=0.015$, no sentido em que os indivíduos do género masculino apresentaram menores níveis de reprovações (74.8%), quando comparados com os do género feminino (86.5%) (Ver **Tabela 2**). De igual modo, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros face à variável *Tipo de bebida que consumes* $\chi^2(6) = 25.722$, $p= 0.000$, sendo os indivíduos do género feminino aqueles que apresentam maiores níveis de consumo de bebidas brancas (39.8%), face aos indivíduos do género masculino (20.9%). Em contrapartida, são os indivíduos do género masculino que consomem mais cerveja + bebidas brancas (28.1%), face aos indivíduos do género feminino (21.1%) (Ver **Tabela 3**).

Verificou-se também que 74,8 % dos rapazes e 72,9 % das raparigas costumam sair à noite e a maioria, começa a sair entre os 13 e os 15 anos de idade (64,7 % dos homens e

Tabela 2 – Diferenças entre géneros face às variáveis demográficas

	Masculino		Feminino		x ²
	N	%	N	%	
<i>Escola</i>					9.416*
Secundária Daniel Sampaio	12	8.6	19	14.3	
Secundária Amato Lusitano	35	25.2	49	36.8	
Básico 2.3/Secundária de Mação	34	24.5	19	14.3	
Externato Marista de Lisboa	58	41.7	46	34.6	
<i>Habilitações Literárias</i>					10.499
7º ano	27	19.4	12	9.0	
8º ano	9	6.5	9	6.8	
9º ano	1	0.7	0	0.0	
10º ano	43	30.9	58	43.6	
11º ano	40	28.8	42	31.6	
12º ano	19	13.7	12	9.0	
<i>Etnia</i>					0.002
Branca	137	98.6	131	98.5	
Negra	2	1.4	2	1.5	
<i>Situação conjugal dos pais</i>					3.696
Casados	116	83.5	119	89.5	
Divorciados	21	15.1	12	9.0	
Mãe falecida	1	0.7	2	1.5	
Pai falecido	1	0.7	0	0.0	
<i>Número de irmãos</i>					0.626
Zero	25	18.0	28	21.1	
Um	86	61.9	77	57.9	
Dois	21	15.1	20	15.0	
Três ou mais	7	5.0	8	6.0	
<i>Coabitação</i>					3.469
Mãe	14	10.1	7	5.3	
Pai	2	1.4	1	0.8	
Ambos os pais	85	61.2	81	60.9	
Avós	3	2.2	2	1.5	
Outros	35	25.2	42	31.6	
<i>Consideras-te bom aluno</i>					0.561
Bom	33	23.7	34	25.6	
Médio	99	71.2	90	67.7	
Mau	7	5.0	9	6.8	
<i>Tens boas notas</i>					0.013
Sim	90	64.7	87	65.4	
Não	49	35.3	46	34.6	
<i>Já chumbaste alguma vez</i>					5.876*
Sim	35	25.2	18	13.5	
Não	104	74.8	115	86.5	
<i>Quantas vezes chumbaram</i>					7.336
Nunca chumbaram	104	74.8	114	85.7	
Uma vez	18	12.9	13	9.8	
Duas vezes	14	10.1	6	4.5	
Três vezes	3	2.2	0	0.0	

* $p \leq .05$.

Tabela 3 – Diferenças entre géneros face às saídas à noite

	Masculino		Feminino		x ²
	N	%	N	%	
<i>Costumas sair à noite?</i>					0.126
Sim	104	74.8	97	72.9	
Não	35	25.2	36	27.1	
<i>Se já saiu, com que idade</i>					3.530
Não aplicável	18	12.9	23	17.3	
Até aos 12 anos	23	16.5	13	9.8	
Entre os 13 e os 15 anos	90	64.7	87	65.4	
Iguais ou superior aos 16 anos	8	5.8	10	7.5	
<i>Sair com quem</i>					2.520
Não aplicável	18	12.9	23	17.3	
Amigos	85	61.2	73	54.9	
Familiares	3	2.2	1	0.8	
Outros	33	23.7	36	27.1	
<i>Costumas beber quando saís</i>					2.391
Não aplicável	18	12.9	23	17.3	
Sim	94	67.6	78	58.6	
Não	27	19.4	32	24.1	
<i>Tipo de bebida que consumes</i>					25.722****
Não aplicável	30	21.6	38	28.6	
Cerveja	18	12.9	4	3.0	
Vinho	1	0.7	0	0.0	
Bebidas brancas	29	20.9	53	39.8	
Cerveja + vinho + bebidas brancas	21	15.1	8	6.0	
Cerveja + bebidas brancas	39	28.1	28	21.1	
Vinho + bebidas brancas	1	0.7	2	1.5	
<i>Sair à noite em véspera de testes</i>					1.386
Não	112	94.1	98	89.9	
Sim	7	5.9	11	10.1	
<i>Já experimentaste alguma droga</i>					1.864
Não	108	77.7	112	84.2	
Sim	31	22.3	21	15.8	
<i>Qual a droga</i>					5.793
Não aplicável	107	77.0	112	84.2	
Haxixe	24	17.3	20	15.0	
Haxixe + outras	8	5.8	1	0.8	
<i>Colega/amigo com consumo de álcool</i>					1.972
Não	1	0.7	4	3.0	
Sim	138	99.3	129	97.0	
<i>Colega/amigo com consumo de drogas</i>					2.341
Não	65	46.8	50	37.6	
Sim	74	53.2	83	62.4	

*** p ≤ .001.

65,4% das mulheres). Face ao consumo de bebidas alcoólicas a maioria refere beber bebidas alcoólicas (67,6 % dos rapazes e 58,6 % das raparigas).

Em relação ao contacto com drogas, 22,3 % dos rapazes e 15,8 % das raparigas refere já ter experimentado drogas, nomeadamente, haxixe e, a maior parte, refere que tem amigos/colegas que consomem drogas (53,2 % dos rapazes e 62,4 % das raparigas) (Ver **Tabela 3**).

3.1 Diferenças entre géneros face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

Para o estudo das diferenças entre géneros face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS foi realizado o Teste do *Mann-Whitney*, na medida em que as variáveis não apresentam distribuição normal (Ver **Tabela 4**).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros face à dimensão vergonha, $U= 7875.500$; $p= 0.034$, no sentido dos indivíduos do género feminino terem apresentado valores médios superiores ($M= 1.40$; $DP= 0.47$), comparativamente com os indivíduos do género masculino ($M= 1.27$; $DP= 0.47$).

3.2 Diferenças entre a zona da Grande Lisboa e Beira Interior face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

Para o estudo das diferenças entre a zona da Grande Lisboa e da Beira Interior face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS foi utilizado o Teste do *Mann-Whitney* uma vez que as variáveis não apresentam distribuição normal (Ver **Tabela 5**).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a zona da Grande Lisboa e a Beira Interior face à dimensão timidez $U= 7706.500$; $p= 0.017$, no sentido em que os indivíduos da Beira Interior apresentam valores médios superiores ($M= 2.41$; $DP= 0.77$) relativamente aos indivíduos da Grande Lisboa ($M= 2.20$; $DP= 0.59$).

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a zona da Grande Lisboa e a Beira Interior face à dimensão culpa $U= 7425.500$; $p= 0.005$, na medida em que os indivíduos da Grande Lisboa apresentam valores médios superiores ($M= 1.72$; $DP= 0.53$) relativamente aos indivíduos da Beira Interior ($M= 1.52$; $p= 0.51$).

3.3 Diferenças entre escolas face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

Para o estudo das diferenças entre escolas face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS foi utilizado o Teste de *Kruskal-Wallis* uma vez que as variáveis não apresentam distribuição normal (Ver **Tabela 6**).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre escolas face à dimensão culpa $H= 11.535$; $p= 0.009$, no sentido em que os indivíduos do Externato Marista de Lisboa são os que apresentam valores médios mais elevados ($M= 1.76$; $DP= 0.52$) relativamente às outras escolas. Os indivíduos da Escola Básica 2.3/Secundária de Mação são os que apresentam os valores médios mais reduzidos ($M= 1.46$; $DP= 0.55$) relativamente às outras escolas.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre escolas face à dimensão consumo de bebidas alcoólicas $H= 7.910$; $p= 0.048$, na medida em que os indivíduos da Escola Secundária Daniel Sampaio apresenta os valores médios mais elevados ($M= 28.97$; $DP= 10.68$) relativamente às outras escolas. Os indivíduos da Escola Básica 2.3/Secundária de Mação são os que apresentam valores médios mais baixos ($M= 23.30$; $DP= 10.68$) relativamente às outras escolas.

3.4 Diferenças entre Ter boas notas face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

Para o estudo das diferenças entre "Ter boas notas" face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS foi realizado o Teste do *Mann-Whitney*, na medida em que as variáveis não apresentam distribuição normal (Ver **Tabela 7**).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre ter boas notas face à dimensão vergonha $U= 7156.500$; $p= 0.043$, no sentido que os alunos que não tem boas notas apresentam maiores níveis médios de vergonha ($M= 1.410$; $DP= 0.461$) face aos alunos que têm boas notas ($M=1.296$; $DP= 0.482$). Importa também salientar que os indivíduos que têm boas notas apresentam valores médios mais elevados de sociabilidade ($M=2.326$; $DP= 0.698$) do que aqueles que não têm boas notas ($M=2.297$; $DP= 0.795$). Os que não têm boas notas são também aqueles que mais consomem bebidas alcoólicas ($M= 29.168$; $DP= 11.056$) face aos que têm boas notas ($M= 26.406$; $DP= 13.385$).

Tabela 4 – Diferenças entre géneros face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS.

	Masculino		Feminino		U
	M	DP	M	DP	
<i>SS-R</i>					
Timidez	2.26	0.73	2.35	0.66	8464.000
Sociabilidade	2.22	0.70	2.42	0.76	7925.500
<i>PFQ-2</i>					
Vergonha	1.27	0.47	1.40	0.47	7875.500*
Culpa	1.60	0.52	1.64	0.54	8688.500
<i>AAIS</i>					
Consumo de bebidas alcoólicas	28.71	12.13	25.98	13.11	8135.500

Nota. SS-R= *Shyness and Sociability*; PFQ-2= *Personal Feelings Questionnaire*; AAIS= *Adolescent Alcohol Involvement Scale*

* $p \leq .05$.

Tabela 5 – Diferenças entre a zona da Grande Lisboa e Beira Interior face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

	Grande Lisboa		Beira Interior		U
	M	DP	M	DP	
<i>SS-R</i>					
Timidez	2.20	0.59	2.41	0.77	7706.500*
Sociabilidade	2.27	0.66	2.36	0.80	8573.000
<i>PFQ-2</i>					
Vergonha	1.40	0.45	1.27	0.50	8161.500
Culpa	1.72	0.53	1.52	0.51	7425.500**
<i>AAIS</i>					
Consumo de bebidas alcoólicas	28.67	11.65	26.09	13.52	8203.500

Nota. SS-R= *Shyness and Sociability*; PFQ-2= *Personal Feelings Questionnaire*; AAIS= *Adolescent Alcohol Involvement Scale*

** $p \leq 0.01$; * $p \leq 0.05$.

Tabela 6 – Diferenças entre escolas face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

	Externato Marista de Lisboa		Escola 2.3/Secundária de Mação		Escola Secundária Daniel Sampaio		Escola Secundária Amato Lusitano		H
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
<i>SS-R</i>									
Timidez	2.23	0.55	2.46	0.85	2.13	0.72	2.38	0.72	7.616
Sociabilidade	2.31	0.65	2.40	0.89	2.14	0.69	2.34	0.73	2.730
<i>PFQ-2</i>									
Vergonha	1.44	0.43	1.20	0.53	1.26	0.47	1.32	0.48	7.023
Culpa	1.76	0.52	1.46	0.55	1.57	0.56	1.56	0.49	11.535**
<i>AAIS</i>									
Consumo bebidas alcoólicas	28.59	11.97	23.30	14.41	28.97	10.68	27.8	12.71	7.910*

Nota. SS-R= *Shyness and Sociability*; PFQ-2= *Personal Feelings Questionnaire*; AAIS= *Adolescent Alcohol Involvement Scale*

** $p \leq 0.01$; * $p \leq 0.05$

Tabela 7 – Diferenças entre Ter boas notas face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

	Tens boas notas?				U
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
<i>SS-R</i>					
Timidez	2.305	0.657	2.311	0.759	8360.500
Sociabilidade	2.326	0.698	2.297	0.795	8106.500
<i>PFQ-2</i>					
Vergonha	1.296	0.482	1.410	0.461	7156.500*
Culpa	1.602	0.480	1.645	0.617	8253.000
<i>AAIS</i>					
Consumo de bebidas alcoólicas	26.406	13.385	29.168	11.056	7467.500

Nota. SS-R= *Shyness and Sociability*; PFQ-2= *Personal Feelings Questionnaire*; AAIS= *Adolescent Alcohol Involvement Scale*

* $p \leq .05$.

3.5 Diferenças entre escolas face ao consumo de bebidas por categorias

Não foram encontradas diferenças significativas entre escolas face ao consumo de bebidas por categorias $\chi^2(9)= 13.104$; $p= 0.158$, mas importa salientar que os indivíduos que apresentam maiores percentagens de abstinência são os da Escola 2.3/Secundária de Mação (17.0%), mas em contrapartida são os que apresentam maiores percentagens na categoria de “Bebedor habitual com problemas” (11.3 %). Os indivíduos da Escola Secundária Daniel Sampaio são os que apresentam menores percentagens de abstinência (6.5%) e são também os que mais bebem habitualmente, mas não manifestam problemas com o álcool (80.6%). (Ver **Tabela 8**).

3.6 Diferenças entre géneros face ao consumo de bebidas por categorias

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros face ao consumo de bebidas $\chi^2(3)= 5.896$; $p= 0.158$, mas é importante referir que os indivíduos do género masculino apresentam maiores percentagens na categoria “bebedor habitual sem manifestações de problemas” (74.1%) relativamente aos indivíduos do género feminino (69.9%). São também os sujeitos do género masculino que apresentam maiores percentagens na categoria “bebedor habitual com problemas” (10.1%) comparativamente com os sujeitos do género feminino (5.3%). Em contrapartida, são os sujeitos do género feminino que tem

Tabela 8 – Diferenças entre escolas face ao consumo de bebidas por categorias

	Externato Marista de Lisboa		Escola 2.3/Secundária de Mação		Escola Secundária Daniel Sampaio		Escola Secundária Amato Lusitano		χ^2
	N	%	N	%	N	%	N	%	
<i>Consumo de bebidas por categorias</i>									13.104
Abstinentes	11	10.6	9	17.0	2	6.5	11	13.1	
Bebedor irregular	6	5.8	9	17.0	2	6.5	5	6.0	
Bebedor habitual sem manifestação de problemas	81	77.9	29	54.7	25	80.6	61	72.6	
Bebedor habitual com problemas	6	5.8	6	11.3	2	6.5	7	8.3	

Tabela 9 – Diferenças entre gêneros face ao consumo de bebidas por categorias

	Masculino		Feminino		χ^2
	N	%	N	%	
<i>Consumo de bebidas por categorias</i>					5.896
Abstinente	15	10.8	18	13.5	
Bebedor irregular	7	5.0	15	11.3	
Bebedor habitual sem manifestação de problemas	103	74.1	93	69.9	
Bebedor habitual com problemas	14	10.1	7	5.3	

Tabela 10 – Diferenças entre o insucesso escolar (Já chumbaste alguma) vez face ao consumo de bebidas por categorias

	Já chumbaste alguma vez?				χ^2
	Sim		Não		
	N	%	N	%	
<i>Consumo de bebidas por categorias</i>					3.410
Abstinente	3	5.7	30	13.7	
Bebedor irregular	4	7.5	18	8.2	
Bebedor habitual sem manifestação de problemas	43	81.1	153	69.9	
Bebedor habitual com problemas	3	5.7	18	8.2	

Tabela 11 – Diferenças entre o sair à noite e as dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

	Costumas sair à noite?				U
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
<i>SS-R</i>					
Timidez	2.206	0.688	2.594	0.629	4698.500
Sociabilidade	2.179	0.683	2.704	0.731	4092.500
<i>PFQ-2</i>					
Vergonha	1.300	0.483	1.439	0.445	5857.500
Culpa	1.600	0.542	1.666	0.497	6562.000
<i>AAIS</i>					
Consumo de bebidas alcoólicas	31.422	9.593	15.901	13.336	2343.000

Nota. SS-R= *Shyness and Sociability*; PFQ-2= *Personal Feelings Questionnaire*;

AAIS= *Adolescent Alcohol Involvement Scale*

maiores percentagens de abstinência no consumo de álcool (13.5%) face ao género masculino (10.8%). (Ver **Tabela 9**).

3.7 Diferenças entre o insucesso escolar (Já chumbaste alguma vez), face ao consumo de bebidas por categorias

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o insucesso escolar (ter chumbado alguma vez) face ao consumo de bebidas por categorias $\chi^2(3)= 3.410$; $p= 0.333$, mas é importante referir que os alunos que já chumbaram apresentam uma percentagem

maior na categoria “Bebedor habitual sem manifestação de problemas” (81.1%) face aos que não chumbaram (69.9%). Importa referir também que os alunos que apresentam percentagens maiores de abstinência são os que nunca chumbaram (13.7%) comparando com os que já chumbaram (5.7%), mas também são os que apresentam maior percentagem na categoria de “Bebedor habitual com problemas” (8.2%) face aos que já chumbaram (5.7%). (Ver **Tabela 10**).

3.8 Diferenças entre o sair à noite e as dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS

Para o estudo das diferenças entre o sair à noite face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS foi utilizado o Teste do *Mann-Whitney* uma vez que as variáveis não apresentam distribuição normal (Ver **Tabela 11**).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o sair à noite face às dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS, mas importa salientar que os sujeitos que não saem à noite, apresentam valores médios superiores relativamente à timidez ($M= 2.594$), vergonha ($M= 1.439$; $DP=$), culpa ($M= 1.666$) e sociabilidade ($M= 2.704$), quando comparados com os que saem à noite (timidez $M= 2.206$; vergonha $M= 1.300$; culpa $M= 1.600$ e sociabilidade $M= 2.179$). Os sujeitos que costumam sair à noite são os que apresentam valores médios superiores relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas ($M= 31.422$) quando comparados com os que não costumam sair à noite ($M= 15.901$). (Ver **Tabela 11**).

3.9 Matriz de correlações de *Pearson* entre as dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS face ao género feminino.

Pelo facto das variáveis serem intervalares foi desenvolvida uma correlação de *Pearson* (Ver **Tabela 7**).

Observam-se correlações negativas e fracas do consumo de bebidas alcoólicas relativamente à sociabilidade $r= -0.296$; $p= 0.001$, correlações positivas e fracas da culpa com a timidez $r= 0.212$; $p= 0.014$ e com a sociabilidade $r= 0.296$; $p= 0.001$.

Foram encontradas associações positivas e moderadas da culpa relativamente à vergonha $r= 0.500$; $p= 0.000$ e da vergonha relativamente à timidez $r= 0.464$; $p= 0.000$ e relativamente à sociabilidade $r= 0.414$; $p= 0.000$.

Observaram-se correlações positivas e fortes entre a sociabilidade e a timidez $r= 0.742$; $p= 0.000$.

3.10 Matriz de correlações de *Pearson* entre as dimensões da SS-R, PFQ-2 e AAIS face ao género masculino.

Pelo facto das variáveis serem intervalares foi desenvolvida uma correlação de *Pearson* (Ver **Tabela 11**).

Foram encontradas associações estatisticamente significativas, negativas e fracas do consumo de bebidas alcoólicas relativamente à sociabilidade $r= -0.242$; $p= 0.004$.

Verificaram-se correlações positivas e fracas da culpa com a timidez $r= 0.249$; $p= 0.003$.

Observaram-se correlações positivas e moderadas da sociabilidade em relação à timidez $r= 0.693$; $p= 0.000$; da vergonha relativamente à timidez $r= 0.391$; $p= 0.000$, e relativamente à sociabilidade $r= 0.467$; $p= 0.000$ e da culpa em relação à sociabilidade $r= 0.325$; $p= 0.000$ e em relação à vergonha $r= 0.629$; $p= 0.000$.

4. DISCUSSÃO

Foi objectivo deste estudo analisar as diferenças entre géneros relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas, em relação ao meio onde vivem e em relação à timidez, sociabilidade, vergonha e culpa.

Em relação à primeira hipótese colocada, *os rapazes revelam maiores níveis de consumo de álcool quando comparados com as raparigas*, não se confirma de forma estatisticamente significativa, embora os indivíduos do género masculino apresentem maiores níveis médios de consumo de bebidas alcoólicas. Este resultado vai ao encontro dos estudos de Feijão & Lavado (2003), Windle (2003), Feijão (2001), e Ledoux, Sizaret, Hassler & Choquet (2000), onde é afirmado que o nível médio de consumo de álcool nos rapazes se mantém sempre superior ao das raparigas até ao fim da adolescência. Contudo, é de sublinhar que segundo Ledoux, Sizaret, Hassler & Choquet (2000), se têm verificado transformações ao longo do tempo e que, se durante muitos anos os rapazes bebiam mais que as raparigas, desde há duas décadas para cá a diferença está tendencialmente a reduzir e, inclusivamente, a desaparecer. Estará a nossa amostra a evidenciar esta tendência? É interessante salientar ainda que se encontraram diferenças estatisticamente significativas em relação ao tipo de bebida consumida entre rapazes e raparigas em que estas apresentam maiores níveis de consumo de bebidas brancas enquanto os rapazes consumos superiores e igualmente estatisticamente significativos, para cerveja e bebidas brancas em simultâneo. A cerveja e as bebidas brancas/destilados são as substâncias identificadas como as mais consumidas, e consumidas com maior regularidade, pelos adolescentes tal como verificado em estudos anteriores por Feijão & Lavado, 2004 e Cordeiro, Claudino & Arriaga, 2006.

Quanto à segunda hipótese formulada, *os rapazes e raparigas*

que vivem na Beira Interior apresentam maiores níveis de consumo de álcool quando comparados com os rapazes e raparigas que vivem na Grande Lisboa, a nossa hipótese não se confirmou. Apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas, são os sujeitos da zona da grande Lisboa a apresentar níveis médios superiores de consumo de bebidas alcoólicas. No entanto, parece-nos pertinente assinalar a relação encontrada no nosso estudo entre o sair à noite e o consumo de bebidas alcoólicas, no sentido em que os sujeitos que costumam sair à noite apresentam valores médios superiores de consumo quando comparados com os que não costumam sair à noite. Neste sentido a maior acessibilidade a locais de diversão nocturna, a maior frequência das saídas e a banalização do consumo de álcool nestes locais, podem ser factores que contribuam para os resultados encontrados nos jovens da grande Lisboa.

Importa referir igualmente que são os jovens da grande Lisboa a apresentar um maior consumo de bebidas alcoólicas na categoria de bebedores habituais sem manifestação de problemas, mas são os jovens da Beira Interior que apresentam uma maior frequência na categoria de abstinente.

Verificou-se ainda que são os indivíduos das escolas da Grande Lisboa a apresentar maiores índices de culpa, quando comparados com os indivíduos da Beira Interior, que por seu turno, apresentam maiores índices de timidez, mas são os mais sociáveis.

Em relação à nossa terceira hipótese, *as raparigas apresentam maiores níveis de vergonha e culpa quando comparadas com os rapazes*, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas em relação à vergonha. Embora em relação à culpa não existam diferenças, pode-se observar que as raparigas apresentam mesmo assim, maiores níveis médios de culpa, quando comparados com os rapazes, indo assim ao encontro dos resultados observados por Eklund & af Klintberg (2005).

Por último importa referir que os alunos sem insucesso escolar, apresentaram maior percentagem de abstinência, comparativamente com os que já apresentaram insucesso escolar.

Com estes resultados verificamos que a maioria destes adolescentes, consideram-se alunos médios, costumam sair à noite, beber bebidas alcoólicas e, uma percentagem significativa, relata já ter experimentado drogas, nomeadamente o haxixe (Ver **Gráficos**).

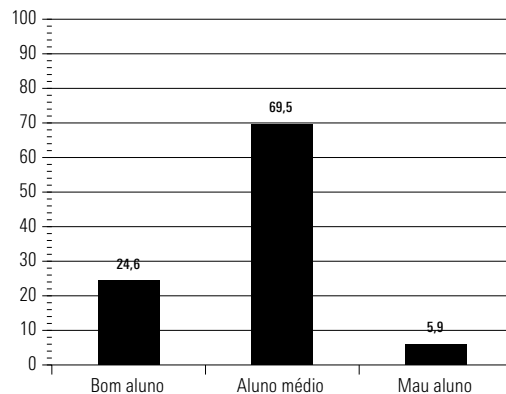


Gráfico 1 – Consideras-te bom aluno ?

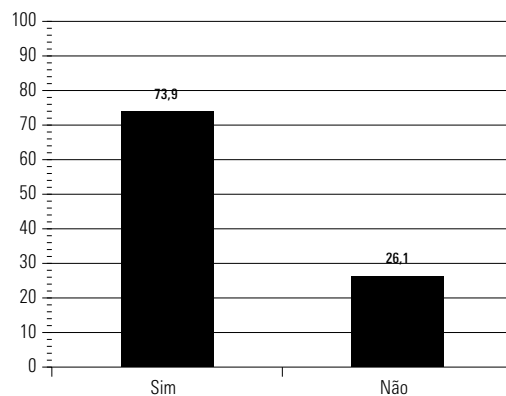


Gráfico 2 – Costumas sair à noite ?

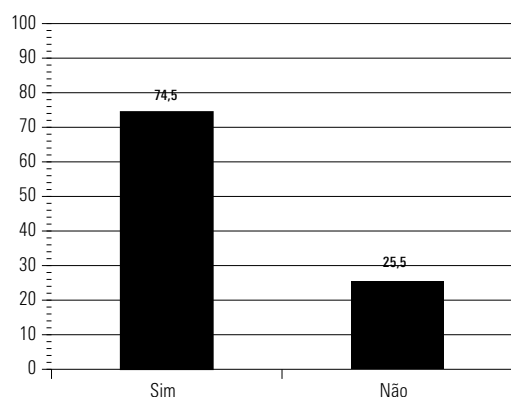


Gráfico 3 – Quando saís costumavas beber ?

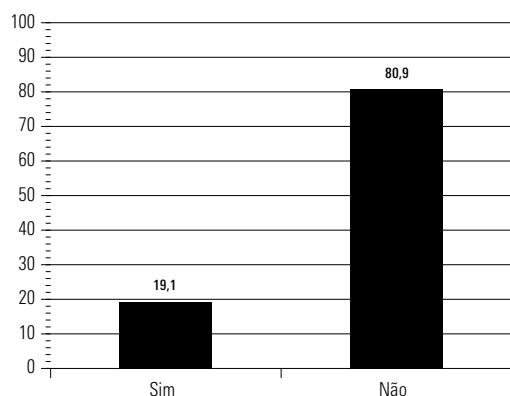


Gráfico 4 – Já experimentaste alguma droga ?

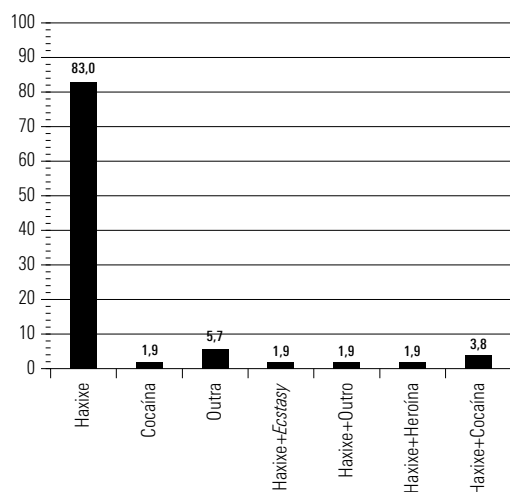


Gráfico 5 – Qual droga ?

A reflexão elaborada através da realização do nosso estudo leva-nos a afirmar, para concluir, que é necessário reforçar a atenção à forma como está estabelecida a relação entre os hábitos recreativos nocturnos dos jovens e a percepção que existe em relação ao consumo (excessivo) de álcool enquanto algo de normal. Torna-se imprescindível encorajar os jovens a reflectir de forma crítica sobre os seus hábitos de consumo de bebidas alcoólicas e seus riscos associados. Por último, é necessário informar e persuadir enquanto metodologia de prevenção mas não de uma forma isolada, é necessário

adaptar estratégias ambientais integradas, ou seja, implicar todos aqueles que estão e interagem com os jovens para a modificação de um paradigma que a seguir este rumo trará grandes prejuízos aos jovens e suas famílias em particular e à sociedade em geral (famílias, escolas, fabricantes de bebidas alcoólicas e seus distribuidores, organizadores de eventos e estabelecimentos de diversão nocturna).

Contacto:

Vera Mendes
vera_mendes_@hotmail.com
962807718
Psicóloga Criminal

Paulo Lopes
pjflop@iol.pt
916608521
Psicólogo Clínico
Pós-Graduação em Avaliação Psicológica
Docente Universitário
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.

Centro Regional de Alcoologia do Sul (2001). "Declaração sobre os Jovens e o Álcool. Adoptada em Estocolmo a 21 de Fevereiro de 2001" in www.cras.min-saude.pt/Declara%E7%E3o%20alcohol.pdf

Cordeiro, Claudino & Arriaga (2006). "Comportamentos adictivos e suporte social em adolescentes pré-universitários". *Toxicodependências*, 12 (1): 39-48.

Crosnoe, R.; Muller, C.; Frank, K. (2004). "Peer context and the consequences of adolescent drinking". *Social Problems*, 51(2): 288.

Eklund, J. M.; af Klinteberg, B. (2005). "Personality characteristics as risk indications of alcohol use and violent behaviour in male and female adolescents". *Journal of Individual Differences*.

Feijão, F. (2001) "Consumo de drogas e assimetrias geográficas". *Inquérito Nacional em Meio Escolar – Consumo de drogas e outras substâncias psicoactivas: uma abordagem integrada – 3º Ciclo e Ensino Secundário*. Lisboa: IDT.

Feijão, F. & Lavado, E. (2004). "Evolução do consumo de drogas na adolescência: Ruptura ou continuidade?". *Toxicodependências*, 10 (3): 31-47.

Feijão, F. & Lavado, E. (2003). "Os Adolescentes e o Álcool". *Estudo sobre o consumo de Álcool, Tabaco e Droga, em alunos do ensino público – Portugal Continental*. Lisboa: IDT.

Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia – O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Edições Afrontamento.

Fonseca, H. (2002). *Compreender os Adolescentes – Um desafio para pais e educadores*. Editorial Presença.

Heather, N. & Kaner, E. (2001). "Brief interventions: an opportunity for reducing excessive drinking". Paper presented to Working Group: *Health Systems and Alcohol at Ministerial Conference on Young People and Alcohol, Stockholm*. Sweden: 19-21.

Ledoux, S.; Sizaret, A.; Hassler, C. & Choquet, M. (2000). «Consumption de substances psychoactives à l'adolescence. Revue des études de cohorte». *Alcoologie et Addictologie*, 22: 19-40.

Matos, M.; Carvalhosa, S.; Reis, C. & Dias, S. (2002). *Os Jovens Portugueses e o Álcool*. 7, 1. FMH/PEPT/GPT.

Morel, A.; Hervé, F. & Fontaine, B. (1998). *Cuidados ao toxicodependente*. Lisboa: Climepsi.

O'Malley, P.M.; Johnston, L.D. & Bachman, J.G. (1998). "Alcohol use among adolescents". *Alcohol Health and Research World*, 22 (2): 85.

Patrício, L. D. (2006). *Droga: Aprender para Prevenir*.

Tangney, J. P.; Miller, R.S.; Flicker, L. & Barlow, D. H. (1996). "Are shame, guilt, and embarrassment distinct emotions? Personality processes and individual differences". *Journal of Personality and Social Psychology*, 70 (6): 1256-1269.

Wei, M.; Shaffer, P. A.; Young, S. K. & Zakalik, R.A. (2005). "Adult attachment, Shame, Depression, and Loneliness: The Mediation Role of Basic Psychological Needs Satisfaction". *Journal of Counseling Psychology*, 52 (4): 591-601.

Windle, M. (2003). "Alcohol use among adolescents and young adults". *Alcohol Research and Health*, 27 (1): 79.

Zeigler, D. W.; Wang, C. C.; Yoast, R. A.; Dickinson, B. D.; McCaffree, M. A.; Robinowitz, C. B. & Sterling, M. L. (2005). "The neurocognitive effects of alcohol on adolescents and college students". *Preventive Medicine*, 40: 23-32.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Fonte, A. & Alves, A. (1999). "Uso da Escala de Envolvimento com o Álcool para Adolescentes (AAIS). Avaliação das características psicométricas". *Alcoologia, Ver. da Sociedade Portuguesa de Alcoologia, Outubro, 1999, Vol. VII, 4*.